



Arte como mediação: dilemas e formação profissional

Art as mediation: dilemmas and professional training

Ricardo de Holanda Leão*

 <https://orcid.org/0000-0003-4248-4261>

RESUMO

Este artigo apresenta uma discussão sobre a importância da arte como mediação a partir do pensamento estético marxiano e marxista. Levanta a necessidade de compreender o cotidiano como chão insuprimível das relações sociais, além de discutir os dilemas do uso da arte como parte do arsenal técnico-operativo e ético-político da intervenção profissional do(a) assistente social. A partir de referenciais e falas de profissionais colhidas em campo, o presente artigo está estruturado em cinco partes reconhecendo o lugar da arte na sociedade contemporânea e na profissão. Ao refletir sobre o exercício e a formação profissional, compreende-se os avanços no âmbito formativo e social ao passo que leva em consideração a produção das expressões da “questão social” nos dias atuais e as relações práticas no uso da arte como mediação. No Brasil temos formas variadas de conceber a arte como mediação nas quais se levantam, neste texto, as contradições que permeiam essa seara, seja no que tange às instituições em que o Serviço Social esteja inserido, seja ao que se refere à subjetividade e formação profissional no reconhecimento da arte como possibilidade de mediação socioassistencial.

PALAVRAS-CHAVE

Arte; Mediação; Formação Profissional.

ABSTRACT

The article presents a discussion on the importance of art as mediation based on Marxist and Marxian aesthetic thought. It raises the need to understand daily life as an inescapable ground for social relations, in addition to discussing the dilemmas of using art as part of the technical-operative and ethical-political arsenal of professional social work intervention. Based on field gathered quotes and references from professionals, this article, structured in five parts, also seeks to recognize the place of art in contemporary society. Reflecting on professional practice and formation, it is understood that there have been advancements in both the formative and social areas, considering the production of expressions of the "social question" in the present day and the practical relations in the use of art as mediation. In Brazil, there are various ways of conceiving art as mediation, in which this text addresses the contradictions that permeate this field, whether

*Assistente Social. Doutor em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP, São Paulo, Brasil). Pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Política Social e Territórios, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB, Cachoeira, Brasil). E-mail: rh.leao@hotmail.com

DOI 10.22422/temporalis.2024v24n47p365-381



© A(s) Autora(s)/O(s) Autor(es). 2024 **Acesso Aberto** Esta obra está licenciada sob os termos da Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR), que permite copiar e redistribuir o material em qualquer suporte ou formato, bem como adaptar, transformar e criar a partir deste material para qualquer fim, mesmo que comercial. O licenciante não pode revogar estes direitos desde que você respeite os termos da licença.

in relation to the institutions in which Social Work is inserted or in regards to subjectivity and professional practice in the recognition of art as a possibility of social-assistance mediation.

KEYWORDS

Art; Mediation; Professional Training.

Introdução

Este artigo tem como objetivo refletir sobre a mediação da arte no Serviço Social através do pensamento de Marx acerca da estética e das relações sociais. A reflexão perpassa por temas importantes na categoria profissional como o cotidiano, vínculo intrínseco do exercício profissional, que adentra a produção e a reprodução das relações sociais no capitalismo e das perspectivas que ele abarca como as contradições que lhes são próprias, isto é, as expressões da “questão social”. Traz ainda questões atinentes à particularidade do exercício profissional que se refere ao aspecto técnico-operativo para pensar a arte como forma de mediação.

Este texto parte do debate sobre o lugar da arte na vida social coletiva e para o Serviço Social, a partir da concepção do cotidiano e das relações postas nessa seara. A reflexão se aprofunda à medida que a mediação da arte vem a ser o centro do debate, ora bem direcionado, ora mal compreendido no exercício profissional do(a) assistente social. Dessa forma, refletir sobre essa perspectiva da vertente técnico-operativa torna-se uma necessidade, tendo em vista que é uma temática cara e importante para muitos profissionais que tem a arte como instrumento de trabalho e parte de sua instrumentalidade, mas que esbarra no momento da institucionalização do serviço.

A reflexão aqui apresentada aponta caminhos para a efetivação da mediação da arte a partir de experiências reais colhidas em campo, tendo em vista que o presente artigo é resultado de uma pesquisa para a construção de tese de doutoramento no Serviço Social, a qual pensou tal relação diante da perspectiva estética marxista. Sendo assim, ao longo deste texto, são utilizadas falas de alguns participantes da pesquisa, assistentes sociais e usuários do Serviço Social, dos quais lançamos pseudônimos de artistas para referirmos a elas, como Van Gogh, Manoel de Barros, Frida Khalo, Raduan Nassar e Charles Chaplin. Importa salientar que os(as) entrevistados(as) foram indicações dadas na ocasião da pesquisa de campo e que, naquele momento, eram vinculados a espaços socio-ocupacionais distintos.

A pesquisa foi realizada durante o período da pandemia de Covid-19, o que resultou em encontros presenciais e virtuais, buscando manter o distanciamento indicado pela Organização Mundial de Saúde. Os procedimentos da pesquisa passaram pelo Comitê de Ética a qual esteve submetida no momento de sua aplicação, respeitando a Declaração de Helsinque da Associação Médica Mundial e a Resolução 510/16 do Conselho Nacional de Saúde.

Nessa perspectiva, este artigo perpassa tais reflexões cotidianas para o exercício profissional que tem a arte como valor de mediação, culminando no debate da formação e o lugar da arte como categoria de análise e instrumento profissional.

Arte, estética e Serviço Social

Falar de estética e arte no Serviço Social não é uma tarefa comum, mas se torna importante por tratar de algo que nos constitui como humanidade, como pessoas que descobriram na natureza e na sociedade um modo de se reconhecer como seres pensantes e transformadores de realidades. Atualmente, como grupo social e coletivo, vivemos submersos num sistema fragmentador, que nos distancia historicamente, o chamado neoliberalismo. Nesse sentido, atentamos ao que nos diz Santos (2015): “para uma sociedade que se caracteriza cada vez mais como estimuladora do individualismo exacerbado, do isolamento e da dissociação do todo, da coletividade, a arte configura-se um dos meios pelo qual se potencializa a totalidade do ser humano” (Santos, 2015, p. 137).

Assim, buscamos aprofundar a compreensão da mediação através da arte no Serviço Social a partir da estética marxista elucidando possibilidades de atuação técnico-operativa, tendo em vista o projeto ético-político da profissão na perspectiva de emancipação junto aos usuários, isto é, pensando e atuando a partir da utilização da arte na elaboração de projetos e programas que possam ser desenvolvidos com comunidades propiciando quebras de ciclos de violência e pobreza. Desse modo, pensa-se o exercício profissional do(a) assistente social que trabalha a partir da arte como mediação a utilizando como instrumento (e instrumentalidade) de seu trabalho, ao passo que compreende a estética marxista como perspectiva e possibilidade de leitura e transformação da realidade.

Importante destacar que este debate adentra a dimensão técnico-operativa (Guerra, 2017), a qual permeia também a dimensão político-ideológica da profissão, como aquela pela qual o Serviço Social atua na reprodução ideológica da sociedade burguesa ou na construção da contra-hegemonia. É nesta perspectiva que se compreende que a arte pode ser uma mediação que dá materialidade a uma construção contra-hegemônica do trabalho profissional. Importa mencionar que a dimensão técnico-operativa está incutida no processo de trabalho do(a) Assistente Social, podendo permear ora um exercício de uma prática cotidiana, ora exercício de uma práxis (ação revolucionária) sendo, tanto uma, quanto a outra, formas de atuação presentes no trabalho profissional do(a) Assistente Social.

Pensando a categoria profissional a partir do pensamento de Marx, sob o qual “antes de tudo, o trabalho é um processo de que participam o homem e a natureza, processo em que o ser humano, com sua própria ação, impulsiona, regula e controla seu intercâmbio material com a natureza” (Marx, 2014, p. 211), a perspectiva da transformação social mantém presente a partir do movimento da sociedade.

Desta feita, mencionamos que a arte é um antigo interesse de Marx que, junto ao Direito e à Filosofia empenhou-se no estudo da literatura e da estética, ao tempo que, em paralelo à atividade jornalística, se dedicou a escrever alguns ensaios sobre ela. Devido à sua militância jornalística e ao exílio em Paris, acabou deixando tais reflexões de lado, retomando-a apenas em 1844, fazendo transparecer nos Manuscritos Econômico-Filosóficos, e debatendo-a sob a influência dupla de Hegel e Feuerbach, marcando suas incursões na estética (Frederico, 2013).

Diante dessas influências, Marx entende a arte como um desdobramento do trabalho, entretanto, em sua compreensão a arte não o sobrepõe, mas aparece como meio de projeção dos anseios individuais que ultrapassam a realidade imediata, não encontrando lugar apenas para uma contemplação desinteressada do “belo natural” — como em Feuerbach — observando que os sentidos passaram por um longo desenvolvimento social, diferenciando-se da natureza. Portanto, para Marx, “arte é atividade, é realização progressiva da essência humana; é, ao mesmo tempo, distanciamento e ação transformadora da natureza” (Marx, 2014, p. 47).

Há, na arte, uma espécie de reflexo da realidade, na qual Lukács vai compreendê-la como um produto humano (Santos, 2015). Vale mencionar essa compreensão da realidade como reflexo contido na arte, isto é, como uma relação direta da particularidade artística em consonância com a totalidade social. Desse modo, a arte está conectada com a realidade e a reflete através de suas provocações, independente do modo em que se apresenta, seja pelo teatro, pelas artes visuais, música, cinema, dança etc.

Relações sociais e cotidiano

As apreensões da arte elucidadas acima são constitutivas do cotidiano e reúnem processos de trabalho e de atividades que desembocam na transformação do ser social. É nele que se encontra o avançar da sociabilidade, mas também da opressão, é nele que se notabiliza a sociedade burocrática de consumo, o lazer programado, ao tempo que gera o tédio, a moda imperativa de formas, o culto ao consumo etc. (Lefebvre, 1991). O cotidiano está imerso na história e se compreende a partir de um movimento contraditório que lhe é próprio.

Assim, temos com Marx o reconhecimento do cotidiano como um caminho crítico aberto para se pensar a materialidade dos acontecimentos diários, assim como a alienação contida nas relações sociais resultantes do atual sistema burguês, compreendendo a existência do contraditório e do antagônico. Até o século XIX, isto é, até Marx, os acontecimentos do cotidiano eram desprezados pelos pensadores por ser algo superficial, sem profundidade, o que fez o autor alemão atentar que é nele que as relações acontecem, transformando infinitamente a realidade. A história e, por conseguinte, a cotidianidade, aparece como o modo de ser da sociedade, não se consolidando como abstração¹, mas como concreticidade diante do real, portanto, aspecto contínuo e não linear.

Pensar o cotidiano é inserir no debate a perspectiva da produção material das relações sociais, notabilizando a dimensão da alienação incutida nesse processo, compreendendo, sobretudo, que “a vida cotidiana, de todas as esferas da realidade, é aquela que mais se presta à alienação” (Heller, 2014, p. 57). Essa construção do cotidiano, inserida essencialmente nas relações de trabalho, evidencia que a História permeia a história de muitos indivíduos. Não existe ser humano sem história e a mesma é constituída a cada dia, diante das repetições e conjuntamente com outros sujeitos. Tal alienação é própria do sistema capitalista e está permeada de aspectos mantenedores, perpetuando-a na manutenção da sociedade burguesa.

¹ A abstração está ligada à reflexão contida ao discutir categorias teóricas, ou seja, categoria é abstração, reflexão.

Diante dessas dimensões da vida cotidiana, há algo intrínseco ao ser humano que permeia desde a pré-história até nossos dias: a relação do ser social com a estética. Esta é constitutiva do ser humano e perpassa toda a história. Desde os primórdios até atualmente, o estético norteia a vida daqueles que estão submersos na sociedade, adentrando as composições de visão de mundo da classe burguesa até àqueles das periferias das grandes cidades. A percepção do mundo varia por meio do estético. Estética, portanto, se coloca no cotidiano, como um desenvolvimento das diversas visões de/sobre o mundo a partir dos sentidos.

Desse modo, a arte, juntamente com a compreensão da estética, por intermédio do trabalho como práxis possibilitou, em período determinado da história, o processo de omnização (transformação da natureza pelo homem). Tal relação, inserida na razão histórica, possibilitou o movimento do ser social, o que se consolidou como processo de humanização, calcada como ontologia. O sentido da natureza é pautado e concebido através do olhar humano a partir da relação do corpo orgânico com o inorgânico. A compreensão desse processo ocorre por meio das relações estabelecidas no cotidiano ao traçar meios de produção e reprodução material, sobretudo, diante da constituição das relações sociais.

A relação social, estabelecida através da produção material, constituída na coletividade possibilita expressões artísticas nas quais permitem maior expressão de subjetividade e identidade na individualidade dos sujeitos. Compreende a formação da singularidade, expondo determinações ímpares na construção da totalidade. Tais relações se configuram no cotidiano mediadas por duas dimensões presentes e atuantes na sociabilidade: a teleologia e a causalidade, em que Lukács reporta como uma relação tensa dialética e que para o autor, configuram o princípio do ato de trabalho (Tertulian, 2010). Desse modo, a natureza e suas transformações se colocam como relação de causalidade, enquanto a sociedade se propõe, a partir do trabalho e atividade humana, em atos com finalidades, portanto, teleológicos. Desse modo, a arte é teleológica, histórica e cotidiana, pois é imbuída de transformações do material proveniente da simples causalidade transposta em expressões.

A dimensão da arte, entretanto, nem sempre está posta numa relação direta com o profissional do Serviço Social, isto é, não são raras as vezes em que o(a) assistente social não tem, em sua formação profissional ou subjetiva, contato direto com as expressões artísticas. Contudo, isso não inviabiliza o exercício profissional tendo a arte como mediação. Dito de outro modo, não se faz necessário ser artista para trabalhar com a mediação da arte, visto que a mesma se coloca no cotidiano através de muitas perspectivas, refletindo a realidade social.

A arte é constitutiva da sociabilidade humana. Ao perder a relação com ela, perde-se dimensões importantes da humanidade, como a sensibilidade e a peculiaridade na percepção do mundo. Nenhuma manifestação artística é produzida sem a dimensão do cotidiano. Uma expressão artística como o funk, por exemplo, diz muito sobre o modo como as pessoas vivem numa comunidade, colocando a realidade de maneira a externar determinada cultura e reprodução dessa realidade.

Temos na expressão artística, meios de compreender a realidade e atuar sobre ela numa dimensão transformadora. A letra de uma música que conta o cotidiano de determinada comunidade tem potência para mobilizar, possibilitar mudanças, gerar reconhecimento de si mesmo dentro de uma sociedade e, a partir disso, gerar no sujeito uma particularidade. Ao trazer a perspectiva do pensar o que é estar no mundo, ela remete à criticidade de um tempo, ao reconhecimento das contradições que coloca os sujeitos diante das questões cotidianas que são consequências de uma sociedade dividida em classes, fragmentada nos debates raciais, sociais e de gênero que foram minimizados nas configurações da sociedade atual.

O exercício profissional do(a) assistente social e a mediação da arte

Pensar a arte como mediação no exercício profissional do Serviço Social requer um entendimento que vai além de utilizá-la como dinâmica e atividades culturais dentro das instituições, perpassando por um elo possível de compreensão e transformação da realidade subjetiva dos sujeitos, como caminho de construção de possibilidades. A arte como mediação atravessa variadas formas de compreensão e reconhecimento de mundo e, por isso, sua mediação faz-se como processo e não como atividade pontual.

Arte, portanto, como mediação profissional do(a) assistente social pode trilhar caminhos distintos a partir da perspectiva de atuação escolhida. Desse modo, aponta-se o elemento técnico-operativo ao utilizá-la como processo para desenvolver suas congruências políticas, sociais e culturais, tendo em vista que há, nesse movimento, uma construção de reconhecimento de si e da coletividade na formação social, daí sua compreensão como parte da *instrumentalidade* profissional. Nesse ínterim, a arte vem como centro das atividades sociais, mas de modo continuado, encontro a encontro, aprofundando questões importantes da particularidade de cada sujeito, resultado das expressões da “questão social” sobre cada singularidade, podendo abordar-se questões relativas às violências, assédios, preconceitos, entre outros, até reconhecer-se o direito à inclusão, à segurança, à cidadania, por exemplo. Outro ponto que se faz comum na mediação da arte é seu uso como *instrumental*, isto é, como meio para se alcançar o objetivo do profissional, sendo ele para tratar de uma temática pontual. De modo mais aligeirado, a arte como instrumento de trabalho pode, de igual modo, permear temas importantes na realidade das comunidades, contudo, não visa adentrar profundamente as questões levantadas pelos usuários. Faz-se importante elucidar que a arte como mediação constitui-se através de aprofundamentos, com o mesmo grupo, a cada encontro, estabelecendo uma relação de *processualidade*.

A arte é importante instrumento de reprodução do ser social. Expressamos – através do traço, da cor, do som, dos gestos – sentimentos, valores, hábitos, costumes, indignações, paixões, modos de ver o mundo, a vida, a nós mesmos e materializamos na pintura, na dança, na culinária, na escultura, na dramatização, na arquitetura, na música, nossas objetivações, em parte histórica e socialmente construídas, em parte histórica e socialmente determinadas, possibilitando que sejam apreendidas pela razão e sensibilidade do outro; mas, por outro lado, reduzimos também o sentido estético, o gozo humano do belo, do bom, do confortável, quando nossa sensibilidade é alienada (Prates, 2007, p. 224).

Ao se trabalhar a dimensão do cotidiano a partir da mediação da arte, possibilita-se trazer a perspectiva das políticas sociais no interior dessas relações, ao tempo que a arte

proporciona ao ser humano repensar suas certezas e reinventar seu cotidiano. Desse modo, é essencial para compreender e viabilizar a dinâmica da totalidade concreta, já que “a totalidade sem mediação é inerte [...]” (Netto, 2012, p. 81). Portanto, ela é parte do conjunto categorial estabelecida para a práxis profissional, no sentido mesmo de transformação da sociedade, mas também constitui a atividade profissional dos assistentes sociais desde a leitura da realidade e sua conjuntura, até a efetivação de seu trabalho numa relação direta com os sujeitos que utilizam a política vinculada ao seu serviço profissional. Nesse sentido, recordamos o que nos diz um dos entrevistados na pesquisa elaborada na ocasião do doutoramento, o qual, usuário do Serviço Social, ator e diretor de teatro, quando relata o lugar da arte para si:

A arte dá brilho à vida [...]. Tem tanta gente que viu uma peça [teatral] e pensou em mudanças. A arte completa a vida no sentido de elevar para sublimar a crueza das coisas que a gente é obrigado a presenciar enquanto vive politicamente, contudo a política é imprescindível. [...] A vida, sozinha, não basta. Isso está na alma do ser humano. Quando não tinha teatro, acendia fogueira e contava histórias. Inventava-se. (Charles Chaplin).

De acordo com nossa compreensão de arte e sua relação com o cotidiano, apresentada mais acima, podemos entender que a “crueza das coisas”, dita na fala deste participante, remete aos reflexos da “questão social” que, por sua vez, são produto do sistema do capital, com suas deformações, resultando na luta de classes, na exploração, na pobreza, na desigualdade. O “contar histórias” que ele cita está inserido nesse contexto de vivenciar a elevação da cotidianidade, na constituição da sociabilidade num ritmo bastante diverso do que temos nos dias atuais. O sentido para a vida mensurado no trabalho artístico coloca o sujeito numa dimensão que sobrepõe à realidade, possibilita o diálogo e estabelece novas rotas de compreensão para os determinados momentos históricos aos quais o sujeito social está imerso. É nesse sentido que se faz importante o(a) profissional do Serviço Social compreender o lugar em que atua, assim como o público atendido. Nesse ponto, outro participante da mesma pesquisa aponta com propriedade uma real necessidade da ótica profissional, ao mostrar que

[...] é importantíssimo entender o lugar que você está, o espaço, a proposta do serviço, os recursos colocados ali, para além do que você já tem de bagagem e conhecimento teórico e metodológico, saber os espaços, limites e ser extremamente criativo. Quando eu vou para o serviço eu preciso ter clareza do meu objetivo dentro daquele lugar. Quando vou para uma sala de atendimento, preciso ter claro o objetivo com aquelas pessoas, seja uma criança, um idoso, uma família inteira, um homem ou uma mulher (Raduan).

A realização do trabalho social mediante a arte se coloca, então, pela identificação profissional com aquilo que se propõe a fazer, estando sensível e disposto à realização do trabalho naqueles parâmetros, alicerçado na ética. É importante colocar que não são raras as dificuldades no modo de aceitação por parte da equipe ou da coordenação do serviço em utilizar a arte como mediação, necessitando esclarecer o que se dispõe a executar com os grupos ou individualmente, trazendo à reflexão com os demais profissionais sobre as reais possibilidades com a utilização de mediação artística.

De acordo com Fischer (1985, p. 19), “a arte jamais é uma mera descrição clínica do real”. O autor afirma que a função da arte concerne sempre ao “homem total, capacita o ‘eu’ a

identificar-se com a vida de outros, capacita-o a incorporar a si aquilo que ele não é, mas tem possibilidade de ser”. O Serviço Social pode, através da mediação com o real, como categoria, contribuir nesta interface através da instrumentalidade, compondo aspectos de reconhecimento social e emancipatórios com os sujeitos participantes da Política de Assistência Social.

Pensar o que se entende como “dimensão do sensível” não equivale à realização de uma atividade profissional pautada somente nas emoções do profissional ou da comunidade atendida, mas estar atento aos projetos coletivos, às construções de sociabilidade e relações constituídas no cotidiano de modo que possa efetivar inclusão dos sujeitos na sociedade, buscando meios emancipatórios de atuação. Essa dimensão se faz presente no cotidiano profissional do(a) Assistente Social, mas deve ser precedido do conhecimento da realidade social e de modos em que se apreende e medeia. Para pensar o significado de mediação no local do exercício da profissão, indagamos ao participante da pesquisa, também assistente social, o que ele entendia sobre mediação, o qual responde, refletindo que

É um movimento de organização comunitária, com aliança de um povo. A mediação não é para política, mas é para as pessoas. Eu acho que é uma mediação para colocar essas pessoas em contato com as políticas e é a partir daí que construímos elos. [...] A mediação é para que essas pessoas se situem dentro de um contexto e consigam se organizar e produzir suas próprias respostas para a qualificação das políticas seja no sentido de cobrar, contestar ou de quebrar alianças ou criá-las. Eu acho que não estou virado para a política, mas para o povo, para os usuários (Manoel de Barros).

Ao pensar sobre a arte como mediação, refletimos sobre os instrumentais possíveis a serem utilizados em cada atividade como caminho processual a ser galgado a partir dos objetivos profissionais para determinados grupos sociais. É nessa perspectiva que Prates (2007) elucida algumas expressões para esse exercício:

O uso de filmes, letras de música, fotos e outros registros são ricos materiais dos quais podemos nos valer para interpretar o real. Uma foto, por exemplo, sobre o modo como os moradores de rua se organizam em grupos sob pontes ou viadutos, muitas vezes pode ser bem mais rica em detalhes, do que uma descrição escrita, para que uma equipe possa, coletivamente, analisar o uso do espaço por estes sujeitos. A análise de trechos de música popular de uma região ou país expressa, nas estrofes, valores, mazelas, indignações, representações, estigmas que são socialmente veiculados, diferentes modos de apreender contextos e fenômenos que compõem estas realidades (Prates, 2007, p. 227).

Importa recordar que a análise e interpretação contidas nas formas de intervenção através da arte não podem ser vazias, finalizando nelas mesmas, mas devem conter reflexão e estratégias para processos sociais que resultem na mediação com realidades similares, compreendendo caminhos de sociabilidade e criticidade e que promova elevação², ultrapassando a imediatividade da vida cotidiana.

O exercício profissional deve reconhecer inicialmente o que Marx ([1844] 2004), brilhantemente diz, ao apontar que para o ouvido não musical a mais bela música não tem

² Termo lukacsiano para sobrepor-se à superficialidade do cotidiano. (Lukács, [1966] 2023).

sentido ou que o comerciante de minerais não observa neles beleza e satisfação, a não ser pelo valor comercial. A fome constitui necessidade a ser suprida e, para quem está faminto, o alimentar-se se reduz a uma necessidade a ser provida e não vê beleza em rituais em torno dela. Portanto, há necessidades de primeira ordem a serem supridas inicialmente e, então, o trabalho social, via políticas sociais, sobretudo o Serviço Social através da mediação pela arte encontra campo fértil para atuação, observando atributos que definem a essência humana como “o trabalho, a socialidade, a universalidade, a consciência e a liberdade” (Markus *apud* Netto, 2012, p. 75). Com isso, Marx nos diz nos Manuscritos Econômico-Filosóficos sobre as necessidades primárias, isto é, a arte, como produto humano deve vir, mas depois de cessadas as questões atinentes à fome, à vestimenta, ao abrigo que são, hoje, direitos básicos de cidadania.

Recordemos que Marx compreende a arte como um desdobramento do trabalho, isto é, tanto o trabalho quanto a arte “inserir-se no processo das objetivações materiais e não materiais que permitiram ao homem separar-se da natureza, transformá-la em seu objeto e moldá-la em conformidade com seus interesses vitais” (Frederico, 2013, p. 44). Entretanto, a arte não vai se sobrepor ao trabalho, mas aparece como meio de projeção dos anseios individuais que ultrapassam a realidade imediata.

E o Serviço Social, qual a parte que lhe cabe?

O Serviço Social com uma leitura crítica da realidade e a partir de uma intervenção emancipatória, se coloca como uma profissão que possui, em si, capacidade técnico-operativa para um exercício que destrave bloqueios sociais, como exclusão social³ e diversas formas de preconceito, por exemplo, possibilitando o reconhecimento dos sentidos de modo crítico e dinâmico. Nesse horizonte, uma participante, também assistente social, traz ao debate aspectos importantes sobre o uso da arte na profissão, seja como aspecto objetivo, seja como subjetivo:

Sempre vejo [o uso da arte] como uma possibilidade de o adolescente se olhar e olhar para o entorno a partir de uma outra ótica em que as linguagens artísticas possam permitir. Penso que exista também uma questão de tentar fugir dos moldes tradicionais de atendimento e que em geral penso que são pouco eficazes/efetivos e que me geram uma insatisfação profissional. Penso então como uma tentativa de me deslocar desse *modus operandis* muito burocrático. Tem os dois lados: daquele de quem estou atendendo, mas o lado da satisfação profissional também (Frida Khalo).

A insatisfação na fala de profissionais sobre o aspecto burocrático do Serviço Social é recorrente e o uso da arte se coloca também como forma de ultrapassar essa barreira no âmbito institucional que, conseqüentemente, realiza nesses assistentes sociais uma dimensão de superficialidade diante de seus instrumentais de trabalho, além de uma sobrecarga de suas atividades. A arte se coloca, então, como ponte necessária para manter seu potencial crítico diante da realidade, seja diante dos usuários atendidos, como também na perspectiva da satisfação profissional que a utiliza como escolha e por acreditar na

³ Entendemos exclusão social como processo estrutural, multidimensional, que envolve a falta de recursos, oportunidades e a falta de pertencimento como um produto da ruptura dos laços sociais que permitem que os indivíduos integrem uma rede social (Organização Pan-Americana de Saúde, 2003).

potência desse tipo de atividade. Outra fala importante colhida na pesquisa de doutoramento se coloca a partir da experiência de Van Gogh, quando recorda que

Tinha um adolescente, aluno de violão, que estava passando por um processo de depressão severa [...]. Comecei a atendê-lo e descobri nele a arte do desenho, personagens de quadrinhos, enfim, desenhos muito bem feitos. [...] Eu visualizo nesse adolescente esse potencial e começo a dialogar com ele a partir dos desenhos que ele trazia. Quando ia aos nossos atendimentos individuais, ele sempre levava seus desenhos que então, passaram a ser o canal de diálogo e abertura para uma mediação, como linha norteadora da conversa e intervenção. Porque você gosta de desenhar assim? O que isso significa? E a partir daí, houve o acompanhamento dele, da depressão, como ele se sentia no polo, quais as demandas familiares (Van Gogh).

A utilização da arte como mediação se configura a partir de dimensões da particularidade profissional incidindo na realidade como caminho de transformações e potencialidades numa perspectiva de emancipação dos sujeitos. Os sentidos são reelaborados objetivando a crítica sobre a realidade e não somente como ludicidade, tendo em vista que são intervenções que adentram perspectivas individuais e coletivas e constroem a elevação do cotidiano.

A utilização da arte como mediação no Serviço Social ainda é uma pauta em desenvolvimento e levanta questões acerca do como fazer, essencialmente quando debatemos a incipiência desse elemento na formação profissional. É nessa ótica que Van Gogh desenvolve uma fala na qual esclarece o “como fazer”, propondo uma dinâmica que não é complexa no cotidiano se o profissional se dispõe:

[...] A gente faz parte de uma profissão generalista, em todos os lugares sócio-ocupacionais. Quando trabalhamos com criança e adolescente é quase que dado esse espaço para nós. O cotidiano do Serviço Social é massacrante, inclusive, nossos atendimentos podem ser alienantes, tecnicistas se não tomarmos cuidado. Nesse sentido, a arte tem uma capacidade de entrar no nosso fazer de forma potente. A gente consegue e, um exemplo básico é a poesia, porque ela é um processo de escrita literária que a gente consegue utilizar dentro do nosso fazer profissional, num atendimento para fazer uma reflexão. Num atendimento com uma família, com uma mulher vítima de violência, a gente pode trazer um relato literário de outra mulher para entender a conjuntura macro de que aquela pessoa não é um indivíduo sozinho no universo, mas que faz parte de um plano maior, de violência de gênero, de uma sociedade patriarcal [...]. Com crianças e adolescentes podemos usar os jogos teatrais, a linguagem da ludicidade crítica e criativa que eles mesmos podem produzir, trazendo autonomia, protagonismo juvenil. Dentro do movimento de moradia, podemos usar a linguagem teatral para exemplificar o território e suas problemáticas, o direito a cidade e os interesses por trás dela, refletir sobre o momento presente sobre alguma violação que estejam passando e possibilidade de se fazer uma leitura conjuntural da sociedade numa cidade mercado, numa cidade do capital e da exclusão (Van Gogh).

O trabalho mediado pela arte — aqui focando o exercício profissional do(a) Assistente Social — coloca esse debate num patamar em que a crítica se faz presente, buscando ultrapassar essa linha existente que separa classes, comunidades e a sociedade. A mediação através da arte traz a possibilidade de pensar as contradições como produto de uma sociedade capitalista, mas produz direcionamentos que visam à construção de emancipação de grupos marginalizados, possibilitando a quebra de ciclos que mantém a

reprodução da pobreza e da violência nas comunidades, por exemplo. No entanto, o trabalho profissional do(a) Assistente Social no cotidiano é tomado pela sobrecarga e imediaticidade postas pelas questões da sociedade no âmbito do sistema do capital. É nesse lugar que o(a) assistente social deve atentar para um exercício interventivo que não seja aquele de redução das capacidades individuais, mas que agregue crítica e libertadoramente aqueles usuários.

[...] Na instituição que atuei, uma pessoa me chamou e disse: “olha por favor, não faz a gente ficar cortando papelzinho aqui, eu fiz teatro na década de 1970...”. [...] Usar a arte somente como instrumento de dinâmicas não acho que seja bom, nem interessante. Temos que ver o que está acontecendo no local que trabalhamos. Tem que ter duas antenas: uma do que está acontecendo no lugar de trabalho e suas dinâmicas; e a outra no que está acontecendo no mundo e, dentro disso, saber materializar. Sair do lugar do comum (Manoel de Barros).

A arte é caminho para se sobrepor a urgência ao passo que, a partir dela, pode-se alcançar níveis de compreensão da realidade mantendo o teor crítico nos debates ao tempo que se realiza o trabalho e constitui uma consciência emancipadora. O uso da arte no campo de trabalho tem potência para aprofundar temáticas sensíveis fazendo-se necessário, como profissionais, estarmos abertos ao que a conjuntura tem imposto e buscar realizar mediações emancipatórias a partir do que é levado pelos usuários às instituições que recebem apoio profissional, indo além de meras dinâmicas lúdicas. O esforço que se impõe, seguindo o que nos aponta a fala de Manoel de Barros relatada acima é “sair do lugar do comum”, e materializar um exercício atento às especificidades encontradas.

Nesse debate, a criatividade se coloca como dimensão primeira na organização de um trabalho que tenha a arte como mediação, conjuntamente com a perspectiva estratégica, lançando meios de atender e alcançar os usuários nas instituições. Faz-se importante também estar atento(a) para o recebimento dessa forma de intervenção profissional por parte dos usuários, já que adentra um processo a ser dado continuamente até que se chegue nos principais objetivos traçados. É de fundamental importância perceber, na estética de Marx, um aspecto que pode transformar uma realidade e não somente compreendê-la.

[...] Eu penso que o (a) assistente social tem que fazer uma imersão no local que ele está para absorver um pouco daquele contexto, para poder aplicar uma coisa pertinente. Se eu vir com propostas formatadas com um procedimento com música, por exemplo, em todos os lugares que eu passar não sei se vai funcionar porque depende muito do lugar e do perfil daquelas pessoas atendidas. [...] Eu acho que os assistentes sociais precisam ter essa atenção das especificidades, porque as possibilidades são infinitas (Manoel de Barros).

Ao utilizar a arte para mediar suas funções, buscando sobrepor-se a imediaticidade, faz-se primordial atentar para as constituições postas pelo território em que se executa suas atividades, como caminho para compreender suas dinâmicas, suas vozes. Daí a importância, nas palavras de Milton Santos (2002, p. 14), de compreender o território como “[...] chão mais a identidade”.

O geógrafo coloca nesse sintético conceito, dois elementos que compõem o território numa perspectiva geopolítica muito simples, porém de modo direto onde, nessa compreensão, podemos pensar o chão como o espaço efetivamente usado na composição

das dinâmicas cotidianas, na produção de atividades sociais e políticas. No entanto, ao trazer o segundo elemento, a identidade, Milton Santos agrega a realidade não apenas de ser lugar, mas de pertencer efetivamente, de se conectar àquilo em que o sujeito está inserido, dando margem à compreensão das especificidades e possibilidades infinitas levantadas pelo depoente citado acima.

Pensamos que o uso da arte nas comunidades, por meio do Serviço Social, pode perpassar debates importantes levando em conta a cultura e as vivências das mesmas num intuito de amortecer agudizações de formas de preconceito em contextos de intolerâncias, por exemplo, abarcando desde questões raciais, homofobia, xenofobia, fundamentalismo religioso, irracionalismo até aspectos de criminalização da pobreza e dos movimentos sociais a partir de um esforço reflexivo e ético (Brites, 2017).

Vale recordar o que nos diz Barbosa (2009, p. 21), ao apontar que “mediação cultural é social”, o que se complementa ao que nos mostra Tourinho (2009, p. 272), quando elucida que “mediação pressupõe interação”. Logo, mediação insere-se na construção da cultura, da sociabilidade e da interação, sendo a arte caminho de conexão e reflexão crítica do real, vereda social para as políticas sociais mediante, em nosso caso, do(a) profissional assistente social.

Arte e formação profissional

Utilizar a arte para intervir gera a possibilidade de realizar diálogos transversais com a diversidade de políticas presentes no cotidiano do exercício profissional, seja na área da saúde, na educação, em movimentos de moradia, na assistência social, nos mais variados níveis institucionais, o que resulta numa perspectiva de trabalho que pode e deve ser mais utilizada, essencialmente porque o público atendido pelo Serviço Social é constituído por uma variedade de idades, alcançando crianças, adolescentes, jovens e idosos de ambos os sexos e em situação de vulnerabilidade social⁴ e/ou risco. Contudo, os entraves para essa forma de trabalho não se restringem às questões formativas do curso de Serviço Social, mas à relação limitadora diante de instituições que reduzem a amplitude de realização laboral da profissão a questões burocráticas e tradicionais. Frida Khalo expõe sua experiência:

[...] não tínhamos tanto abertura e espaço para isso [trabalhar com a mediação da arte], porque éramos sufocados pela burocracia ligada ao judiciário, na qual exige uma série de papeis e registros. Quando resolvemos fazer a PSC⁵ com o corte de cabelo, mas também com outros serviços, como grafite, com horta ou fotografia, percebemos num primeiro momento, uma resistência do judiciário.

⁴ O termo *vulnerabilidade social* tem um conceito multifacetado. Sua gênese é apontada por diversos autores de forma diferenciada de acordo com o contexto em que o termo é utilizado. Contudo, o debate está incorporado na discussão da economia de mercado, inculcido pelas políticas sociais no intuito de não garantir dos direitos sociais previstos pela Constituição Federal de 1988, mas de selecionar, via renda, aqueles que possuem menor poder de consumo, passando a estar, dessa forma, mais vulneráveis às situações de risco. Dessa maneira, “A PNAS/2004 [...] aponta que as situações de vulnerabilidade podem decorrer: da pobreza, privação, ausência de renda, precário ou nulo acesso aos serviços públicos, intempérie ou calamidade, fragilização de vínculos afetivos e de pertencimento social decorrentes de discriminações etárias, étnicas, de gênero, relacionados à sexualidade, deficiência, entre outros, a que estão expostas famílias e indivíduos, e que dificultam seu acesso aos direitos e exigem proteção social do Estado” (Brasil, 2012, p. 12–13).

⁵ Prestação de Serviço à Comunidade.

Penso sobre isso [...], do por quê pode trabalhar com horta, mas com grafite, não? Ou com fotografia não? Que tipo de trabalho o judiciário compreende que é um trabalho reservado a esses adolescentes que cumprem medida? (Frida Khalo).

Nesse ínterim, observa-se que há entraves também no uso de determinadas perspectivas artísticas a depender da instituição à qual o profissional seja parte, devendo submeter-se a modos pré-estabelecidos de trabalho. Pensando nessa relação com a realidade e a formação num âmbito também subjetivo que compreenda a arte como constructo profissional, Van Gogh contribui no debate ao dizer que

[O uso da arte como mediação] vai muito da formação. Tem a parte da formação profissional, que a gente não tem e isso é um empecilho para que a gente possa atuar dessa forma, não aparecendo como um arcabouço técnico-operativo para que a gente possa instrumentalizar o nosso fazer profissional. Além disso, temos outro ponto que é a subjetividade do indivíduo, que é não ter familiaridade com a arte, da arte não ser garantida como direito na nossa sociedade, o que tem como consequência a não visualização dela como possibilidade no nosso fazer (Van Gogh).

A fala de Van Gogh é de grande importância para o debate da formação profissional porque elucida sua relevância no âmbito das dimensões formativa e técnico-operativa, o que acaba por, não poucas vezes, gerando um estranhamento no exercício profissional que a utilize como caminho interventivo, essencialmente por componentes das equipes aos quais o(a) profissional está inserido. As críticas e o estranhamento ao qual fazemos menção, não vêm daqueles que são atendidos, mas das próprias equipes (ou chefias imediatas), o que limita o teor de criticidade e comunicação entre as partes⁶.

A formação profissional, desse modo, traz perspectivas que constituem a compreensão da totalidade fazendo possível a relação com a cultura e com o aparato técnico de modo que a arte seja parte possível para o trabalho social. Ao utilizar textos em salas de aula elaborados por autores que trazem elementos concretos da realidade de trabalho, nos quais a arte é caminho de mediação, o processo formativo adentra em perspectivas particulares da sociabilidade e abre a dimensão técnico-operativa para esta forma de atuação.

Trabalhar na perspectiva da arte, sobretudo nos dias atuais se coloca como um desafio, pois muitos não a reconhecem como caminho de mediação e aqueles que ‘ousam’ fazê-lo, não raras vezes, não são reconhecidos diante dos demais que compõem as equipes profissionais.

Quando um(a) assistente social elege a arte como mediação para seu trabalho, este(a) profissional compreende que ela é uma expressão humana que se coloca diante da sociedade capaz de pensar, interpretar e refletir o real, mas que além disso, tem a potencialidade de transformá-lo porque carrega, em suas relações, possibilidades de superação quando se faz compreendida e reconhecida no contexto social.

Lukács (2010, p. 370) nos coloca a par da realidade quando diz que “o ser humano é um ser que responde”. Essa afirmativa nos tira do lugar contemplativo porque estamos a todo momento diante dessa máxima, respondendo e reagindo ao que a realidade nos impõe,

⁶ Recordemos que a autonomia é sempre relativa.

seja no âmbito público, no trabalho ou em sociedade, seja no privado, no interior de nossas residências com as circunstâncias que invadem nossa singularidade. Nessa relação com a totalidade, o ser social se forma e possibilita transformar-se, reconhecendo na particularidade aquilo que o faz presente, que o faz responder ao que se coloca à frente.

De acordo com a concepção marxista da arte, segundo autores citados acima, como Milton Santos, Lukács e o próprio Marx, a arte carrega, em si, uma amplitude que abre uma multiplicidade de temáticas. Pode-se abordar violência em sua amplitude, pobreza, sexualidade, sentimentos, exploração, fome, ausências, entre tantas outras expressões que compõem o cotidiano e a realidade de muitos. Ela dialoga diretamente com diversas políticas sociais e adentra instituições.

A arte está nas ruas, no comércio, no trabalho, nos momentos que denotam alegria ou tristeza da sociedade ou da singularidade do sujeito, ela expõe a particularidade dos seres sociais e suas dinâmicas diárias. Ela necessita, portanto, ser parte viva e latente da categoria profissional por tais determinações, mas essencialmente, porque ela está impregnada de estética, de possibilidades, do pulsar vital.

Nesse enfoque, já existem apontamentos para a criação de disciplinas eletivas que abordam a temática no âmbito do Serviço Social em algumas universidades, mas existe uma necessidade de expansão que integre a totalidade e leve à reflexão a possibilidade real de utilizar a mediação da arte para com os grupos usuários da assistência social. Afinal, no âmbito da estética marxista, a partir do aprofundamento realizado pelo autor húngaro, “não há arte possível [...] sem tentar ‘desfetichizar’ e existência humana” (Lukács, 2010, p. 65). Nas Diretrizes Curriculares vemos que

O pressuposto central de diretrizes propostas é a permanente construção de conteúdos (teórico-ético-político-cultural) para a intervenção profissional nos processos sociais que estejam organizados de forma dinâmica, flexível, assegurando elevados padrões de qualidade na formação do(a) Assistente Social (ABEPSS, 1996, p. 8).

O processo pedagógico é também posicionamento político e potencializador de reflexão. Ele promove o desenvolvimento crítico do pensar. Com isso, não eliminamos o fato de que o trabalho mediado pela arte pode também ser um exercício com um cariz conservador, elitista e machista, mas temos uma outra dimensão que necessita de igual atenção e aprofundamento, essencialmente nos dias atuais, a dimensão ético-política que adentra o fazer da técnica e realiza a materialização da intervenção. Contudo, temos também o Código de Ética profissional que nos direciona para um exercício emancipatório e livre de preconceitos. O uso da arte como mediação no cotidiano repercute na possibilidade da catarse e, por conseguinte, na viabilidade que é a transformação das ações, dos atos, da direção advinda pelo pensar crítico após a mediação profissional.

Considerações finais

O texto apresentado visou refletir sobre a mediação da arte no Serviço Social a partir do pensamento marxista, compreendendo os sentidos contemporâneos que a sociedade tem tomado e como a profissão possibilita o exercício profissional mediado pela arte. Notabiliza-se, assim, que a arte é potência para a transformação social dos grupos

atendidos, além de configurar caminho de satisfação pessoal e escolha política de parte de profissionais da categoria.

A arte, nessa ótica, pode ser instrumento importante na contra-hegemonia da sociedade, sendo esta possibilidade de reflexão sobre o real, aprofundamento de concepções cotidianas e catarse, isto é, caminho possível de superação da alienação imposta pelo sistema do capital. O(a) assistente social que decide por esta via é parte importante na medida que pode contribuir criticamente junto aos usuários da política de assistência social, na formação de uma sociedade emancipada e emancipadora, pois se coloca a par das contradições sociais e reflete contra-hegemonicamente por outras formas de pensar e agir socialmente. Seu exercício pode tornar-se ação revolucionária na medida em que pensa além do tradicional e dos aspectos burocráticos, como vimos em algumas falas de participantes aqui trazidas.

Vale mencionar que a decisão ético-política e a ação técnico-operativa do(a) profissional do Serviço Social pela mediação da arte nada tem a ver com obrigatoriedade por tal escolha, mas passa pelo crivo da subjetividade e do reconhecimento da arte como potência para uma atuação emancipadora. Para isso, importa que sua formação possibilite essa compreensão e que a mesma seja reconhecida amplamente como movimento real de intervenção.

O uso da arte pelo profissional assistente social não exclui a possibilidade de atividades junto à oficinas nas instituições, mas a construção da mediação realizada como processo ofertado pela própria categoria é caminho possível na transformação social, tendo em vista sua bagagem teórico-prática, política, social e cultural. Desse modo, explicitamos: a mediação da arte é escolha política de atuação, não obrigação profissional.

A mediação da arte nas atividades profissionais possibilita, como mencionado, adentrar temáticas importantes nas quais do modo tradicional não seria possível ou traçaria um caminho complexo até sua abordagem. A arte possibilita diálogos de modo mais leve, sem reduzir, no entanto, a densidade de sua compreensão, destravando bloqueios sociais e possibilitando o reconhecimento dos sentidos à medida que traz à realidade dos sujeitos a efetivação de políticas sociais.

Assim, o “como fazer” está atrelado ao que nos diz Iamamoto (2007) ao referir-se à necessidade atual de um profissional “inventivo e crítico”, reconhecendo o território em que atua e disposto a iniciar processos interventivos com os grupos de trabalho, o que une-se à compreensão da instrumentalidade. Arte como mediação é, portanto, processo de trabalho.

Nesse sentido, destacamos que se percebe na formação do Serviço Social o uso da arte e seu direcionamento como forma de mediação social, mas existe também uma incipiência na produção e sistematização da mesma no âmbito da categoria, o que resulta num estranhamento de seu uso como instrumento e instrumentalidade. Na atual conjuntura, com graus de retrocesso latentes, pode ser um risco uma reestruturação curricular, tendo em vista que as diretrizes já comportam esses processos, mas acreditamos que sua intensificação e ampliação enquanto dimensão técnico-operativa pode ter um melhor aproveitamento, ampliação e aplicabilidade.

Referências

- ABEPSS. **Diretrizes Gerais para o curso de Serviço Social**. CEDEPSS, Rio de Janeiro, 1996.
- BARBOSA, Ana Mae. Mediação cultural é social. In: BARBOSA, Ana Mae; COUTINHO, Rejane Galvão (org.). **Arte/Educação como mediação cultural e social**. São Paulo: Editora UNESP, 2009. p. 13–22.
- BRASIL. **Orientações Técnicas Sobre o PAIF**. Brasília: Ministério de Desenvolvimento Social e Combate à Fome, 2012.
- BRITES, Cristina. **Ética em Movimento**. Curso de Capacitação para agentes multiplicadores/as. Módulo 2: Ética e Trabalho Profissional. 5. ed. Brasília, DF, 2017.
- FISCHER, Ernst. **A Necessidade da Arte**. São Paulo: Editora Círculo do Livro, 1985.
- FREDERICO, Celso. **A arte no mundo dos homens: o itinerário de Lukács**. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013.
- GUERRA, Yolanda. A dimensão técnico-operativa do exercício profissional. In: SANTOS, Cláudia Mônica dos; BACKX, Sheila; GUERRA, Yolanda (org.). **A dimensão técnico-operativa do Serviço Social: desafios contemporâneos**. 3. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2017.
- HELLER, Agnes. **O Cotidiano e a História**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. 10. ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Editora Paz e Terra, 2014.
- IAMAMOTO, Marilda Vilela. **O Serviço Social na contemporaneidade: trabalho e formação profissional**. 11. ed. São Paulo: Editora Cortez, 2007.
- LEFEBVRE, Henri. **A vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo: Editora Ática S.A., 1991.
- LUKÁCS, Gyorgy. **Estética: a peculiaridade do estético**. São Paulo: Boitempo, 2023. v. 1
- LUKÁCS, Gyorgy. **Prolegômenos para uma Ontologia do Ser Social: questões de princípios para uma ontologia hoje tornada possível**. São Paulo: Boitempo, 2010.
- MARX, Karl. **Manuscritos Econômicos-Filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2004.
- MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política**. 33. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014. v. 1.
- NETTO, José Paulo. Para a crítica da vida cotidiana. NETTO, José Paulo; CARVALHO, Maria do Carmo Brant (org.). **Cotidiano: conhecimento e crítica**. 10. ed. São Paulo: Cortez editora, 2012.
- ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE (OPS). **Exclusión em salud em países de América Latina y el Caribe**. Washington, DC, 2003. (Serie 1, Extensión de la Protección Social en Salud).

PRATES, Jane Cruz. A arte como matéria-prima e instrumento de trabalho para o assistente social. **Revista Textos e Contextos**, Porto Alegre, v. 6, n. 2, p. 221–232, 2007.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Edusp, 2002.

SANTOS, Vera Núbia. Arte como possibilidade de mediação no Serviço Social. **Revista Direito Contemporâneo e Constituição (PIDCC)**, Aracaju, ano IV, v. 9, n. 2, p. 125–150, 2015. Disponível em: <http://pidcc.com.br/artigos/092015/03092015.pdf>. Acesso em: 14 out. 2023.

TERTULIAN, Nicolas. Posfácio. In: LUKÁCS, Gyorgy. **Prolegômenos para uma ontologia do ser social: questões de princípios para uma ontologia hoje tornada possível**. São Paulo: Boitempo, 2010.

TOURINHO, Irene. Visualidades comuns, mediação e experiência cotidiana. In: BARBOSA, Ana Mae; COUTINHO, Rejane Galvão (org.). **Arte/Educação como mediação cultural e social**. São Paulo, SP: Editora UNESP, p. 269–283, 2009.

Submetido em: 19/12/2023

Revisto em: 7/5/2024

Aceito em: 7/5/2024